

Cerimónia de lançamento do contrato de colaboração entre o Estado Português e a *Universidade do Texas em Austin*, UTAustin

Almada, 2 de Março de 2007

Intervenção do Secretário de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior,
Manuel Heitor

Senhor Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior
Caros amigos da Universidade do Texas em Austin,
Caros colegas, minhas senhoras e meus senhores,

Os contratos que hoje vão ser assinados vêm concluir uma primeira fase de três projectos lançados em 2006 pelo Governo com o objectivo de estimular a internacionalização das instituições de ensino superior e de ciência e tecnologia. Têm por base projectos orientados de **formação avançada**, esquemas sustentáveis de estímulo a novo **conhecimento** e a valorização de novas **ideias** em colaboração com instituições de referência internacional. Reforçamos assim, e mais uma vez, a prioridade nas pessoas, no conhecimento e nas ideias e, hoje, consagramos esta prioridade com a Universidade do Texas em Austin em torno de tecnologias emergentes, com especial ênfase para a área dos novos media e conteúdos digitais e para formas avançadas de computação, assim como as suas continuas interações com a matemática, porque pretendemos promover o ensino, a investigação e uma agenda científica em torno de áreas emergentes de desenvolvimento empresarial em Portugal e no mundo.

Permitam-me identificar, desde já, duas principais características, particularmente inovadoras, dos acordos que hoje vão ser assinados e do seu significado para a afirmação internacional de Portugal.

Primeiro, o contexto institucional, pois na sequência do relatório de avaliação submetido pela Universidade do Texas em Austin e entretanto tornado público, o Programa que hoje estamos a lançar tem por base o desenvolvimento conjunto, entre a Universidade do Texas em Austin e Portugal, de **um instituto internacional de natureza virtual**, a designar por “International Collaboratory for Emerging Technologies”, CoLab, o qual funcionará com dois pólos distintos, nomeadamente em Portugal e na Universidade do Texas em Austin.

A natureza simbólica deste acto é determinante para o contexto que emerge em ciência e no desenvolvimento tecnológico, o qual exige que pessoas, nomeadamente investigadores e docentes em instituições de ensino e de investigação, mas também em empresas, encontrem o contexto institucional adequado aos desafios e à necessidade de promover a integridade necessária ao desenvolvimento científico e ao relacionamento entre a comunidade científica e as empresas.

Mas criámos um novo instituto também porque em sintonia com o “Compromisso com a Ciência” do Governo, é aconselhável que a participação

nacional no “Programa UTAustin-Portugal” seja assegurada por **redes temáticas** de investigadores e de centros e unidades de investigação em estreita colaboração com empresas e outras instituições científicas, públicas e/ou privadas, de uma forma que seja estruturante para reforçar a capacidade científica nacional e **criar massas críticas** que facilitem a afirmação internacional de Portugal. Naturalmente que esta estratégia vem também possibilitar uma melhor integração da oferta de pós-graduação nas actividades dos **centros e unidades de I&D**, estimulando a sua afirmação no processo de reforma progressiva das instituições de ensino superior. Esta ambição é particularmente consagrada na parceria com a Universidade do Texas em Austin nas áreas de conteúdos digitais, computação avançada e matemática, para as quais as universidades Portuguesa envolvidas deverão oferecer graus de pós-graduação em colaboração com a Universidade do Texas em Austin.

Estas opções respondem ainda às prioridades inscritas na iniciativa “Ligar Portugal”, desenvolvida no âmbito do Plano tecnológico do Governo, no que respeita à promoção das actividades de investigação e desenvolvimento directamente relacionadas com a promoção da sociedade de informação em Portugal, incluindo o desenvolvimento das ciências da computação, assim como a promoção de uma indústria de conteúdos digitais.

Mas se é verdade que o novo instituto vem criar um novo ambiente de cooperação para o desenvolvimento de uma agenda multidisciplinar entre centros universitários de investigação, é também necessário admitir que consiste num desafio inédito para a afirmação de redes de cooperação científica internacional que vai depender do empenho e esforço de todos aqueles que em Portugal e na Universidade do Texas em Austin se venham a envolver no programa.

Segundo, os projectos em parcerias internacionais como aquele que hoje estamos a lançar exigem ainda um esforço de participação colectiva de forma a viabilizar a aprendizagem e a endogeneização social das suas dimensões críticas. Neste contexto, a parceria com a Universidade do Texas em Austin reúne um leque alargado de grupos universitários portugueses e gabinetes associados de transferência de tecnologia de uma forma que vem dar especial relevância à **valorização económica de ciência e tecnologia e a necessidade de conjugar de forma articulada a capacidade de empreender com o desenvolvimento científico**. Neste âmbito, o programa com a Universidade do Texas em Austin inclui a implementação de **uma rede de comercialização de ciência e tecnologia**, a UTEN (“University Technology Enterprise Network”), a qual pretende responder a três principais desafios.

Primeiro, a análise¹ mostra que Portugal tem uma considerável percentagem de empresários na população activa, quando analisado em termos europeus, estando a capacidade empreendedora do País particularmente afectada pela falta de capacidade de crescimento das empresas formadas. A principal questão está associada ao facto das novas empresas que são criadas não estarem centradas em actividades de maior valor acrescentado, o qual é

¹ Baptista, R. & A. Roy Thurik (2004), Technological Forecasting and Social Change

conseguido com o **acesso a mercados** internacionais sofisticados. Noto que os estudos do *Global Entrepreneurship Monitor*² mostram que os empresários portugueses criam empresas mais por “necessidade” do que por “oportunidade”, o que levanta a necessidade de reflectir acerca das assimetrias de informação existentes em Portugal.

É de notar que os últimos inquéritos de inovação, realizados a nível europeu, mostram que na última metade da década de noventa duplicou em Portugal o número de empresas com actividades de I&D³. Estas empresas, embora ainda em clara minoria no contexto empresarial português, já não competem internacionalmente com base em salários baixos, mas com recursos humanos qualificados, I&D e inovação, marketing, design, formação e qualidade, cooperando com instituições científicas. A oportunidade para Portugal é tornar possível que este modelo emergente, este novo **Portugal Inovador**, se torne o modelo dominante.

Segundo, o acesso a novos mercados e a concretização de um modelo de crescimento baseado na inovação requer o desenvolvimento de competências próprias, baseadas em novas ideias, o que só poderá ser facilitado através do apoio continuado ao **desenvolvimento de recursos científicos**. Neste sentido, deve ficar claro que, por exemplo, Portugal forma 3,5 novos doutores em ciência e tecnologia por cada 10000 habitantes entre 25 e 34 anos, enquanto esse valor para a média da Europa dos 15 é de 5,5 novos doutores. Neste contexto, para acompanhar a evolução espectável para a Europa, Portugal deve aumentar até 2010 em cerca de 50% o número de novos doutoramentos realizados por ano na área da ciência e tecnologia (actualmente cerca de 440 por ano);

De facto, a necessidade de reforçar a capacidade científica tem sido confirmada sistematicamente ao longo dos anos e, por exemplo, estudos empíricos recentes publicados no *National Bureau of Economic Research* dos Estados Unidos da América⁴ que investigaram os comportamentos de cientistas/académicos que são potenciadores do aparecimento de novos produtos no mercado, como quantificado através do número de patentes, mostram que, normalmente, uma vaga de patentes é precedida por uma vaga de publicações no ano anterior ao da submissão da patente.

Nota-se ainda que, por outro lado, esses mesmos estudos negam a hipótese e receio crescente de que a vaga de patentes tem contribuído para alterar as agendas dos investigadores no sentido de investigação com elevado potencial de comercialização.

Terceiro, a análise tem mostrado que a complexidade do processo de inovação favorece as sociedades que se organizam em torno de uma cultura de rigor

² Ver em <http://www.gemconsortium.org/>

³ Ver, por exemplo, P. Conceição, M. V. Heitor, (2005), “Innovation for All? Learning from the Portuguese path to technical change and the dynamics of Innovation”, Prager

⁴ P. Azoulay, W. Ding & T. Stuart (2005), “The determinants of faculty patenting behavior: demographics or opportunities?”, NBER, Working Paper 11348, <http://www.nber.org/papers/w11348>, May 2005

associada a rotinas de avaliação e abertura de crítica, requerendo estruturas que se organizam formal e institucionalmente (e.g., escolas, empresas, universidades, laboratórios, organizações governamentais e não governamentais, nomeadamente para a promoção da cultura científica), em desfavor de cientistas ou inventores isolados. É por esta razão que é essencial que os Estados modernos viabilizem a autonomia e integridade institucional das instituições científicas, simultaneamente com a **sistematização de rotinas de colaboração envolvendo empresas e instituições de I&D**, em simultâneo com a formação avançada de recursos humanos em ambientes que facilitem formar quadros que combinem elevada competência científica e técnica com uma cultura e uma atitude indutoras da inovação.

De facto, dar “prioridade à ciência e à inovação” no decurso de um período de difícil ajustamento económico e orçamental do País é sem dúvida um enorme desafio para Portugal, e requer a mobilização de todos. O desenvolvimento de Portugal começa na qualificação das pessoas, no estudo e na aprendizagem, mas também na adopção de uma cultura de exigência, crescentemente dependente do conhecimento. Foi neste contexto que lançámos o programa de parcerias internacionais, tendo resultado na identificação e promoção de oportunidades inéditas para reforçar a capacidade de I&D e de ensino pós-graduado de instituições nacionais num contexto internacional, potenciando ainda a atracção de novos talentos e dinamizando novas redes e parcerias com impacto no tecido social e económico, e nas empresas em particular.

A ambição é de facto **fazer de Portugal um lugar de referência para o estudo e a investigação**, disponibilizando um ambiente favorável à dinamização de novas redes e parcerias com impacto no tecido social e económico, e nas empresas em particular.

Muito obrigado pela V/ atenção,

Manuel Heitor
Almada, 2 de Março de 2007